

Turbulências impedem aterrissagem no Buriti

Mas as turbulências da política não permitiram que Arruda voasse tão alto quanto desejava. O senador Valmir Campelo (PTB), com o cacife de quem havia ganhado todas as eleições em uma longa carreira pública (credenciais que Arruda não tinha), exigiu o apoio de Roriz na disputa pelo governo. E deixou claro que, se isso não acontecesse, a base aliada ao Buriti chegaria dividida à campanha, abrindo caminho para uma vitória do PT. “Eu sou político, Arruda é um técnico”, declarou Valmir na época, pedindo passagem.

Assim não restou a Roriz outra hipótese senão a de lançar Valmir ao governo. Para

não deixar Arruda sem espaço, o governador abriu mão de sua própria vaga na chapa, que seria, naturalmente, a de candidato ao Senado. E Arruda, que nunca havia participado de uma eleição, conseguiu um privilegiado mandato de oito anos com as bênçãos do governador, tendo como trunfo eleitoral exatamente as obras do governo Roriz.

Na campanha, Arruda não fez nenhum esforço, depois de eleito, para ajudar o candidato do grupo rorizista contra Cristovam Buarque (PT) no dramático segundo turno. Da mesma forma, não trabalhou em conjunto com Márcia Kubitschek, a outra candidata

da chapa governista ao Senado. “Há duas vagas: votem em mim e na Márcia”, pedia ele nos comícios.

Reservadamente, porém, muitas pessoas o ouviram dizer que preferia a vitória de Lauro Campos, candidato do PT. Arruda e Lauro acabaram sendo eleitos. (Márcia diria, anos mais tarde, que a falta de apoio dos aliados naquela campanha foi a maior decepção de toda a sua vida. Uma decepção que, segundo seus familiares, influiu muito nos seus problemas de saúde.)

Logo ao tomar posse, Arruda tratou de se afastar do seu criador político – gesto imediatamente interpretado,

pelo grupo de Roriz, como uma “ingratidão”. Além de mudar de partido, trocando o PP pelo PSDB do recém-eleito presidente Fernando Henrique Cardoso, o novo senador tentou passar uma borracha no passado.

“Por favor, não fiquem lembrando nos jornais que eu fui secretário de Obras do Roriz. Já chega tudo o que ele fez comigo...”, pedia aos repórteres. Enquanto Arruda não se conformava por não ter chegado ao Buriti, Roriz se arrependia de ter aberto todos os caminhos da política para o ex-amigo.

O fato era que mais uma vez, como de costume, Arruda

estava agora do lado certo – ou seja, do lado do poder. Fazia parte da bancada do presidente Fernando Henrique, um governante no auge da popularidade, eleito no primeiro turno. Da mesma forma que cativara Roriz, Arruda foi logo se aproximando habilidosamente do Planalto e ganhou um posto honorífico, o de “líder do Governo no Congresso” (antes, só havia os cargos de líder na Câmara e no Senado). Em nome “dos interesses de Brasília”, passou a ter um bom entrosamento com o governador petista Cristovam Buarque, a quem ajudava na hora de pedir liberação de verbas federais. (J.P.J.)